

Apresentação**Caminhos da Toponímia no Brasil e as contribuições de Maria
Vicentina de Paula do Amaral Dick****Toponymy Paths in Brazil and the contributions of Maria Vicentina de Paula do
Amaral Dick***Alexandre Melo de SOUSA***Ana Paula Tribesse Patrício DARGEL***

A história dos nomes de lugares, em qualquer espaço físico considerado, apresenta-se como um repositório dos mais ricos e sugestivos, face à complexidade dos fatores envolventes. Diante desse quadro considerável dos elementos atuantes, que se inter cruzam sob formas as mais diversas, descortina-se a própria panorâmica regional, seja em seus aspectos naturais ou antropoculturais (DICK, 1990, p. 19).

O trecho escolhido para a epígrafe desta apresentação é o parágrafo introdutório da obra *A motivação toponímica e a realidade brasileira*, escrita por Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. Para nós, não se tratam apenas de palavras objetivando introduzir uma publicação de referência acadêmica, mas sim que apontam como Dick abre caminhos para uma nova visão do fazer toponímico enquanto ciência. O olhar cuidadoso da pesquisadora para o objeto de estudo – o nome de lugar – projeta nele uma amplitude que alcança muito além da esfera linguística: atravessa-a se inter-relaciona com áreas do saber histórico, geográfico, antropocultural, psicológico, pedagógico, humano, juntando-os, interligando-os, para constituir o que, até os dias atuais, reconhecemos como Toponímia.

Nosso objetivo, aqui, é traçar um panorama dos estudos toponímicos no Brasil, destacando as contribuições de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick para o desenvolvimento das pesquisas na referida área linguística. Iniciaremos tratando brevemente sobre os estudos que antecederam Dick, para, em seguida, descrevermos a proposta da

* Doutor em Linguística pela UFC, professor da UFAC. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2510-1786>. alexlinguista@gmail.com

** Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP, professora da UEMS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2197-5259>. tribesse@yahoo.com.br

toponimista e, por fim, mostrarmos os diferentes caminhos que a toponímia tem apresentado na ciência linguística brasileira.

Os antecessores

Os estudos toponímicos no Brasil iniciaram com o trabalho de Theodoro Sampaio (1901) – *O Tupi na Geografia Nacional* – por meio do qual, numa abordagem histórico-etimológica, o pesquisador revela que os topônimos tupis refletem características do ambiente nomeado.

Agenor Lopes de Oliveira (1957), por sua vez, publicou a obra *Toponímia Carioca* – volume 3 da Coleção Cidade do Rio de Janeiro – na qual, nas palavras do autor “estuda linguisticamente a história, a origem e os significados de topônimos indígenas próprios das coisas, dos lugares e do falar comum de nossa gente” (OLIVEIRA, 1957, p. 9).

Armando Levy Cardoso (1961), em *Toponímia Brasília*, tratou da influência das línguas aruaque e caribe na toponímia amazonense. Trata-se de uma rica contribuição para os estudos toponímicos por evidenciar de que modo a análise do topônimo revela aspectos de ordem histórico-geográficos, como a compreensão de movimentos migratórios e questões etnolinguísticas, numa relação entre língua, povo e espaço geográfico.

Carlos Drumond (1965), por sua vez, na tese de livre docência *Contribuições do Bororó à toponímia brasileira*, apresenta a herança do povo bororo, da Região Centro-Oeste, para a toponímia brasileira, e aponta a falta de sistematização metodológica para os estudos toponímicos no Brasil.

Em 1967, Octaviano de Mello escreveu a obra *Topônimos amazonenses – nomes das cidades amazonenses, sua origem e significação*, com o objetivo de “prestar sua pequena cooperação ao Amazonas, dando notícias da origem e significação dos nomes que designam as suas cidades” (MELLO, 1967, p. 22).

Carlos Drumond foi orientador de Maria Vicentina Dick em seu doutoramento, em 1980, na Universidade de São Paulo (USP). A tese, intitulada *A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos*, foi publicada em 1990 com o título: *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. Foi Carlos Drumond quem prefaciou a obra e assim fez referência ao trabalho de Dick:

[...] Os estudos de Toponímia Geral e, em particular, de Toponímia Brasileira foram sobejamente enriquecidos com esta obra.

A autora revela profunda visão de campo abordado, vasta leitura de obras subsidiárias e específicas à necessária elaboração de um trabalho científico desta natureza, além de um perfeito entendimento dos aspectos teóricos atinentes à Toponímia. Os seus “Princípios teóricos e modelos taxionômicos” aplicados aos nomes de lugares são de primordial importância, pela inexistência de qualquer trabalho semelhante, no Brasil.

De fato, o estudo de Dick constitui um divisor de águas para as pesquisas sobre os nomes próprios de lugares no Brasil e tem sido base para a maioria das investigações na área (ISQUERDO, 2012). Sobre suas principais contribuições, trataremos a seguir.

Dick e o novo olhar para o objeto da Toponímia

Como dissemos anteriormente, Drumond já reconhecia algumas lacunas dos pesquisadores quanto ao objeto e aos objetivos da Toponímia, especialmente por “aqueles que procuram definir e conceituar a Toponímia apenas por um de seus ângulos de visão, o mais estreito e simplista de todos” (DICK, 1990, p. 20) que é o estudo etimológico da palavra, geralmente, de origem indígena. Dick (1990), apoiada em Drumond, destaca que o estudo do topônimo (o nome do lugar, propriamente dito) deve ser desenvolvido levando em consideração suas transformações ao longo do tempo (evolução fonética e morfológica, por exemplo), seu desaparecimento ou variação, sua relação com os processos migratórios, com os acontecimentos históricos e sociais do lugar, com as crenças e visões de mundo do povo. Como a própria Dick (1990, p. 21-22) descreve:

[...] os topônimos se apresentam [...] como importantes fatores de comunicação, permitindo, de modo plausível, a referência da entidade por eles designada. Verdadeiros “testemunhos históricos” de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população, encerram, em si, um valor que transcende ao próprio ato de nomeação: se a Toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal.

O objeto de estudo da toponímia é caracterizado e ramificado para a ideia do “iconicamente simbólico”, em suas diversificadas feições, interligado com outros campos do saber e, de modo especial, com o viés cultural que alicerça qualquer fato linguístico em análise.

A fixação das bases lexicais para definir lugares [...] dispensa, muitas vezes, a necessidade de se situar o objeto em um plano efetivo de representação, em

que o designado corresponde, no plano do parecer, ao que significa, no nível do ser. É o simbolismo das formas lingüísticas que transforma nomes em lugares existenciais [...] A configuração de um local só acontece a partir do nome, o antecedente sendo o não-lugar, o não simbólico, o inativo (DICK, 2001, p. 79).

O simbólico se constrói pelo que é cultura e, assim, língua e cultura estão inter-relacionadas e conjugadas na construção do próprio significado do topônimo. Extrapolar o entendimento do signo toponímico foi primordial para a feição desenhada para as pesquisas toponímicas futuras. Seabra e Isquerdo (2018, p. 993) explicam que:

Superando a mera função da nomenclatura, os nomes de pessoas e lugares são produtos de um sistema de denominação que reflete o modo de vida de uma determinada cultura e como isso representa seus valores. Embora possam nos parecer familiares, porque os conhecemos e usamos rotineiramente, quando paramos para contemplar a natureza dos nomes próprios de pessoas e lugares, quase sempre percebemos que estes resultam de significados incompreensíveis que são estranhos para nós, mesmo quando eles se referem a pessoas e lugares conhecidos¹.

O topônimo é um elemento lexical e, como tal, reflete a realidade do grupo que o gera, usa e o modifica. Afinal, o indivíduo e a sociedade “dividem entre si, no cotidiano de suas relações intersociais, os diversos saberes que comandam e coordenam a percepção do mundo de cada um desses actantes” (DICK, 2010, p. 178), em tempo e espaço determinados.

Desse modo, a Toponímia passa a ser pensada como um complexo línguo-cultural, ou seja, “uma disciplina que se volta para a História, a Geografia, a Linguística, a Antropologia, a Psicologia Social e, até mesmo, à Zoologia, à Botânica, à Arqueologia, de acordo com a formação intelectual do pesquisador” (DICK, 1992, p. 2). Contudo, é preciso ressaltar que:

O valor pragmático do topônimo não se subsume apenas na intencionalidade momentânea ou casual do denominador; é superior a ela, com implicações exteriorizadas, gerando uma tensão dialética entre objetivos, finalidades, escolhas e resultados práticos. (DICK, 2006, p. 100).

¹ Onomastic studies harken back to our past, to our origins, and thus always awaken curiosity, not only of scholars, but also of people in general. Surpassing the mere function of nomenclature, the names of people and places are products of a system of denomination that reflect the way of life of a given culture and how this represents their values. Although they may appear to us as familiar, because we know them and routinely make use of them, when we stop to contemplate the nature of the proper names of people and places, we almost always realize that these stem from incomprehensible meanings that are strange to us, even when they refer known people and places (SEABRA; ISQUERDO, 2018, p. 993).

A proposta teórico-metodológica de Dick, além de dar novos delineamentos ao objeto central da toponímia, apresenta um modelo taxionômico que considera a interpretação linguística de seus formantes e constitui um importante instrumento para a aferição “objetiva das causas motivadoras dos acidentes geográficos” (DICK, 1990, p. 24). O modelo de análise de Dick (1980, 1990, 1992, 1996, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2004, 2006) tem sido adotado por pesquisadores em diversas regiões do Brasil, na elaboração de estudos toponímicos, especialmente na elaboração dos Atlas toponímicos.

Os Projetos de Atlas toponímicos no Brasil

Os estudos empreendidos por Maria Vicentina de Paula do Amaral foram se ampliando e a pesquisadora passou a desenvolver o *Projeto Atlas Toponímico do Brasil* (ATB) sediado na Universidade de São Paulo (USP), com o objetivo de fazer o registro e o levantamento

[...] dos vocábulos da língua ou dos padrões dialetais ou falares brasílicos reconhecidos e incorporados à toponímia brasileira, mas as situações geográficas ou ambientais, históricas e sociológicas que conformam as regiões administrativas, [...] porque podem explicar até com detalhes, as escolhas feitas pelos denominadores (DICK, 1998, p.2).

Decorrente desse projeto maior, a mesma pesquisadora operacionalizou o *Atlas Toponímico de São Paulo* (Projeto ATESP), na mesma instituição de ensino superior.

Os estudos foram avançando e as divulgações em eventos científicos levaram outros pesquisadores a elaborarem projetos de Atlas toponímicos pelo Brasil, com objetivos claros de investigar a escolha dos nomes dos espaços geográficos (físicos e humanos), além de analisá-los linguisticamente, verificar suas variantes e heranças brasílicas incorporadas, as influências culturais e da própria paisagem nos designativos geoespaciais e, numa visão mais ampla, traçar o perfil toponímico das diferentes regiões do País.

Atualmente, podemos citar: o Projeto Atlas Toponímico do Paraná (ATEPAR), coordenado por Maria Antonieta Carbonari de Almeida, sediado na Universidade Estadual de Londrina (UEL)²o *Projeto Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul* (ATEMS),

² O ATEPAR (finalizado em 2004) foi o primeiro projeto regional após o ATESP.

coordenado por Aparecida Negri Isquerdo, sediado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS); o *Projeto Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais* (ATEMIG), coordenado por Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, sediado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); o *Projeto Atlas Toponímico do Tocantins* (ATT) e o *Projeto Atlas Toponímico de Origem Indígena do Tocantins* (ATITO), ambos coordenados por Karylleila dos Santos Andrade, sediados na Universidade Federal do Tocantins (UFT); o *Projeto Atlas Toponímico do Estado do Maranhão* (ATEMA), coordenado por Maria Célia Dias de Castro, sediado na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA); o *Projeto Atlas Toponímico da Bahia* (ATOBAH), coordenado por Celina Márcia de Souza Abbade, sediado na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e o *Projeto Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira* (ATAOB), coordenado por Alexandre Melo de Sousa, sediado na Universidade Federal do Acre (UFAC) – este último, dedicado aos nomes de lugares em línguas orais e línguas de sinais do estado do Acre –, entre outros.

Todos os Atlas citados seguem, como dissemos, as propostas metodológicas de Dick (1990, 1992) para a análise estrutural e semântico-motivacional do topônimo, relacionando-o aos contornos de ordem geoambiental, antropocultural, socioeconômico que revestem o nome de lugar, a partir do nomeador (o indivíduo e o grupo social).

Em relação a inserções e aplicações das orientações metodológicas de Dick, apontamos Dargel (2003) com uma primeira proposta de cartografia dos topônimos de Mato Grosso do Sul a partir dos pressupostos de Dick (1998) apresentados por intermédio de 74 mapas que, dentre outras propostas posteriores, serviu de base para a cartografia da toponímia do estado de Mato Grosso do Sul do Projeto ATEMS com modelos de mapas publicados em 2020.

Alicerçadas nos princípios teóricos e metodológicos de Dick, principalmente nas publicações de 1990, 1992, 1997 e 1998, Dargel e Isquerdo (2020) publicam o texto *ATEMS: parâmetros metodológicos* no qual apresentam os principais fundamentos metodológicos concebidos por Dick que têm orientado o Projeto ATEMS desde 2002 e, a partir desse panorama, sugerem, de acordo com a necessidade de análise dos topônimos sul-mato-grossenses, algumas inserções ao modelo de Dick quanto à classificação semântica (ampliação de taxes) e à estrutura e à formação morfológica dos designativos do Mato Grosso do Sul.

Ainda na mesma coletânea e no Âmbito do Projeto ATEMS, Isquerdo e Dargel (2020), focalizam o aspecto semântico dos topônimos, mesclando as obras de Dick de 1990 e 1992

(também há a publicação de 1990) sobre as taxionomias toponímicas com a de 1997 em que Dick apresenta um estudo referente à toponímia de São Paulo, inserindo e sugerindo um novo modelo de análise para a Toponímia Urbana ao apontar a teoria dos referenciais toponímicos. Nesse sentido, Isquerdo e Dargel (2020) ampliam a teoria dos referenciais toponímicos de forma a ser possível classificar os nomes de todos os municípios sul-mato-grossenses quanto aos referenciais toponímicos e, no mesmo texto, conceituam taxionomias toponímicas, causas denominativas e referenciais toponímicos, diferenciando um nível de outro por meio de exemplos.

No ano de 2021, Isquerdo e Dargel retomam a discussão teórica dos pressupostos de Dick e apresentam um estudo com tendências da Toponímia Urbana, tomando como base o *corpus* do Projeto ATEMS, com especial atenção à conceituação, bem como elementos dele formadores, e à discussão do sintagma toponímico, concebido por Dick em 1992.

Partindo dessas contribuições para as pesquisas toponímicas, contemporaneamente, outros olhares para o objeto foram sendo delineadas, como trataremos a seguir.

Tendências atuais dos estudos toponímicos

As contribuições de Dick transpuseram os limites das Universidade e dos laboratórios de pesquisa: chegaram às salas de aula e abarcaram línguas de modalidade visual-espacial.

Sousa (2007) utilizou a proposta metodológica de Dick (1990, 1992) e elaborou uma sequência de atividades para serem aplicadas em salas de aula do Ensino Básico. A unidade didática favorece que o próprio aluno, numa aula sobre o léxico e a cultura, seja o pesquisador e perceba as influências físicas do espaço e antropoculturais do povo na nomeação dos espaços.

Nunes (2015) analisou o livro didático na perspectiva das orientações toponímicas; Nunes e Andrade (2015) discutiram a questão da toponímia e a interdisciplinaridade no ensino; Sousa e Gouveia (2017) apresentaram propostas para o tratamento da toponímia no Ensino Médio, na perspectiva da memória.

Silva (2018) desenvolveu um projeto de intervenção no Ensino Básico explorando a toponímia nas aulas de língua portuguesa com alunos de uma escola pública de Mundo Novo, no Mato Grosso do Sul; Santos (2019) desenvolveu intervenção pedagógica a alunos do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do Acre, envolvendo professores de Língua

Portuguesa, História e Geografia, com o intuito de resgatar, a partir dos nomes de bairros, a relação entre léxico e cultura.

Andrade e Reis (2019) construíram propostas de oficinas pedagógicas no âmbito da toponímia para o ensino básico; e Santos *et al* (2014) e Santos *et al* (2019), na perspectiva da aplicação no ensino básico, têm trabalhado na criação de software toponímico para a prática interdisciplinar.

Somando-se às aplicações da toponímia ao ensino, as contribuições de Dick foram além das línguas orais e passaram a compor as pesquisas toponímicas em línguas de sinais no Brasil. A pesquisa pioneira foi a de Souza-Junior (2012) que, na Universidade de Brasília, desenvolveu um estudo sobre as nomeações dos espaços geográficos urbanos por indivíduos surdos, usuários da Língua Brasileira de Sinais (2012). O pesquisador se pautou na proposta de Dick (1990, 1992) e estudou a estrutura do sinal toponímico e dos aspectos motivacionais que influenciaram os surdos no ato da nomeação.

Utilizando a perspectiva analítica de Dick (1990, 1992), mas adaptando-a às especificidades das línguas de modalidade visual-espacial, Sousa (2018, 2019a, 2021) apresenta pesquisa com os topônimos em Libras do estado do Acre, analisando os sinais toponímicos na perspectiva estrutural (fonomorfológica), motivacional e icônico-referencial na produção dos sinais que nomeiam os espaços rurais e urbanos do estado.

Sousa e Quadros (2019) apresentam proposta de ficha lexicográfico-toponímica para a catalogação dos dados toponímicos em línguas de sinais. Dessa forma, partem da ficha proposta por Dick (2004) e incluem dados de natureza visual, de modo a contemplar a estrutura da Libras. Sousa (2019a) apresenta um software pedagógico para o trabalho com a toponímia por estudantes surdos. O produto valoriza as especificidades da cultura e da identidade do Povo Surdo.

Vale citar, ainda, os trabalhos de Ferreira (2019) e Jesus (2019) que partiram das contribuições de Dick (1990, 1992) para estudarem os topônimos em Libras de Feira de Santana (BA). Ferreira (2019) fez a análise dos topônimos do centro comercial de Feira de Santana, e Jesus (2019) analisou os sinais toponímicos dos bairros do mesmo município baiano.

Como se vê, as contribuições de Dick, desde sua tese defendida em 1980, e publicada em 1990, ainda ecoam nas pesquisas de base toponímicas no Brasil. O nome de Maria Vicentina

do Amaral Dick, como dissemos no início deste texto, é um divisor de águas para os estudos do léxico toponímico no país.

Estudos toponímicos no Brasil: uma homenagem à Maria Vicentina do Amaral Dick — o que traz este número temático

Este número temático sobre os estudos toponímicos no Brasil apresenta artigos de revisão de literatura, tradução e artigos científicos. A seguir, faremos breves apresentações de cada um deles.

No primeiro artigo, *Estudo toponímico na região de colonização italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul*, Kleber Eckert apresenta, numa perspectiva comparativa, as pesquisas toponímicas realizadas sobre a região de colonização italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul em nível de pós-graduação de 2010 a 2018. Além disso, nessa linha, o pesquisador analisa os nomes de ruas, bairros, localidades, escolas e cidades pertencentes à região e verifica a relação entre os topônimos e as marcas culturais decorrentes da imigração italiana.

Ailton Soares Lopes, Lílian Castelo Branco de Lima e Maria Célia Dias de Castro, em *Estudo do léxico toponímico: uma revisão integrativa de base teórica*, analisam a base teórica apresentada em trabalhos relacionados à Toponímia, em geral, e à Toponímia e ensino. O objetivo, segundo os autores, é “investigar quais teóricos são abordados e com que finalidade é feita essa abordagem”. Para tanto, a partir dos descritores: “toponímia”, “léxico”, “ensino” e “cidade”, pesquisaram e selecionaram no Google Acadêmico e no Portal de Periódicos Capes 10 artigos científicos publicados no intervalo entre 2009 e 2019.

No terceiro artigo, *Imaginario y representación en la formación del léxico colonial de Tocantins*, Karylleila Santos Andrade trata sobre a formação da toponímia colonial do estado de Goiás. No texto, a autora relata que uma parte do estado de Goiás foi desmembrada para formar o estado de Tocantins e que, dessa forma, a formação da toponímia da região foi favorecida pelos intercâmbios linguístico-culturais estabelecidos entre povos indígenas falantes de língua de tronco tupi, os colonos paulistas e os jesuítas, no período das expedições de *entradas* e *bandeiras*.

Em *Projeto ATOEPE: gênese e estágio atual dos estudos sobre a toponímia pernambucana*, Edmilson José de Sá apresenta os resultados preliminares do projeto Atlas toponímico do

Estado de Pernambuco - ATOEPE, cujo processo de cartografia inclui identificação, descrição e análise dos nomes dos cento e oitenta e cinco (185) municípios de Pernambuco.

No quinto artigo, *À sombra do Juazeiro: considerações sobre a fitotoponímia da Bahia*, Clese Mary Prudente Correia e Celina Márcia de Souza Abbade analisam os topônimos *Angical, Buritirama, Camaçari, Cansanção, Ibirapitanga, Juazeiro, Mucugê, Pau Brasil, Quixabeira, Umburanas* e *Xique-Xique* – nomes de municípios do estado da Bahia – enfatizando a tendência de se nomearem os lugares motivados pela vegetação do lugar. Nesse trabalho, as autoras mostram que “ao se deslocar do sistema lexical e assumir caráter denominativo, um signo comum e arbitrário de língua conecta-se de forma permanente ao lugar representado”.

Patrícia de Cássia Gomes Pimentel, em *Breve estudo sobre a ocorrência de Buriti e de suas variantes como designativos toponomásticos na mesorregião Central Mineira*, estuda a ocorrência do termo *Buriti* e de suas variantes na toponímia da mesorregião Central Mineira, do estado de Minas Gerais. A pesquisadora adota os procedimentos metodológicos do Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais - para a análise dos 78 topônimos selecionados

No sétimo artigo, *Aspectos psicológicos da nomeação de lugares*, Márcia Sipavicius Seide identifica e descreve aspectos psicológicos envolvidos no processo de nomeação dos lugares. Para tanto, a pesquisadora parte das reflexões de Dick (1992) e se aprofunda, com base nas pesquisas da Psicologia Motivacional, para mostrar que “fenômenos toponímicos e psicológicos se inter-relacionam no processo denominativo de alguns topônimos.

Em *Os hagiotopônimos como motivação de nomes de lugares: o que revelam os dados da toponímia paranaense*, Anna Carolina Chierotti dos Santos Ananias e Aparecida Negri esquerdo analisam 7.654 topônimos paranaenses de natureza religiosa da toponímia do estado do Paraná, tomando por base resultados da pesquisa de Ananias (2018). O trabalho visa a “discutir os caminhos teóricos metodológicos adotados para a pesquisa da qual resulta este trabalho; apontar as principais tendências toponímicas evidenciadas entre os hagiotopônimos e indicar fatores histórico-geográficos que podem ter influenciado a opção por nomes religiosos para nomear acidentes físicos e humanos do Estado do Paraná”.

No nono artigo, *Os Sertões de Araraquara: análise de registros de propriedades rurais à luz da Toponímia*, Jorge Augusto Leite e Odair Luiz Nadin analisam e descrevem, de acordo com o aporte teórico de Dick (1990), dez cartas de sesmarias do Registro de Propriedades Rurais de

Araraquara/SP entre 1855 e 1858. O propósito é descrever o processo de aquisição das propriedades rurais no período Colonial, observando, para tanto, possíveis mudanças nos nomes de tais propriedades.

Esperança Cardeira e Alina Villalva, em *Gentílicos e topônimos portugueses: algumas questões*, analisam e descrevem, numa perspectiva crítica, o léxico demandado da relação entre gentílico e topônimo com intuito de encontrar padrões dominantes e fatores de variação entre o português brasileiro e o português de Portugal.

No décimo primeiro artigo, *Entre caminhos e nomes: história e memória na toponímia urbana de Pedro Leopoldo (MG)*, Letícia Rodrigues Guimarães Mendes apresenta um estudo toponímico sobre os nomes dos logradouros da cidade de Pedro Leopoldo em Minas Gerais com foco na relação léxico-ambiente-cultura.

No décimo segundo artigo, *Contribuições aos estudos toponímicos da Libras através da análise de sinais que designam cidades brasileiras*, Ítalo Rullian Webster Urbanski, Daiane Ferreira e André Nogueira Xavier analisam 888 topônimos da Libras que nomeiam cidades de 14 estados brasileiros e regiões administrativas do DF. O estudo aponta uma forte influência do português nos sinais toponímicos, especialmente a partir de quatro processos: a) calque (tradução literal ou aproximada), b) inicialização, c) combinação de letra(s) do alfabeto manual da libras que remetem à(s) letra(s) inicial(is) do topônimo escrito em português com outros parâmetros fonológicos da libras e d) soletração manual.

Tainá da Silva Santos e Eduardo Ferreira dos Santos, em *Leal e benemérita pérola do Recôncavo Baiano: influências históricas e culturais na toponímia de Santo Amaro da Purificação*, apresentam descrição e análise dos nomes oficiais e populares da cidade de Santo Amaro da Purificação. Os dados mostraram que a criação de topônimos é influenciada por processos históricos, políticos e sociais, e que, mesmo com a influência formal da oficialidade dos nomes, ocorre a ressignificação deles por parte população.

No artigo *O topônimo Matipó: história e memória social*, Simone Dornelas de Carvalho e Maryelle Joelma Cordeiro analisam o nome próprio Matipó relacionando a toponímia, a história e a memória social. O objetivo, segundo as autoras, é elucidar “uma provável significação, diferente daquela que é comumente difundida por órgãos governamentais e por seus habitantes”.

Edson Lemos Pereira, Maria Cândida Trindade Costa de Seabra e Conceição Ramos, no artigo *Cultura e ambiente: hagiotopônimos na hidronímia da Mesorregião Norte Maranhense*, analisam os hagiotopônimos que nomeiam hidrônimos da Mesorregião Norte Maranhense. Os quarenta (40) hagiotopônimos analisados foram selecionados de um banco que envolve sessenta (60) municípios maranhenses. Os resultados, de acordo com os autores, “apontam a religiosidade como um fator significativo no processo de nomeação no âmbito da hidronímia maranhense”.

Esperamos que este número temático, em homenagem à Maria Vicentina do Amaral Dick, consiga mostrar a amplitude das contribuições da pesquisadora para a área da Toponímia e inspire outros estudiosos a desvelarem o que os topônimos têm a nos dizer.

Referências bibliográficas

ANDRADE, K. dos S.; PEREIRA, C. M. R. B.; RIBEIRO, E. Atlas Toponímico do Tocantins – ATT: prática interdisciplinar para o estudo dos lugares a partir de software. In: ISQUERDO, A. N.; DAL CORNO, G. O. M. (org). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2014, 129-148.

ANDRADE, K. dos S.; NASCIMENTO, R. V.; BASTIANI, C.; NUNES, V. R. Toponymical software for educational purposes. **Revista Philologus**, v. 25, p. 387-398, 2019. Disponível em: <http://filologia.org.br/rph/ANO25/74/26.pdf>. Acesso em: 19 abril 2021.

CARDOSO, A. L. **Toponímia brasílica**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961.

DARGEL, A. P. T. P. **Entre Buritis e Veredas**: o desvendar da toponímia do Bolsão Sul-mato-grossense. 2003. 264 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas/MS, 2003.

DARGEL, A. P. T. P.; ISQUERDO, A. N. Projeto ATEMS: parâmetros metodológicos. In: ISQUERDO, A. N. (org.). **Toponímia**: tendências toponímicas no estado de Mato Grosso do Sul. Série Toponímia, v. 2. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2020, p. 20-65.

DICK, M. V. de P. do A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

DICK, M. V. de P. do A. **Toponímia e antroponímia do Brasil**: coletânea de estudos. 3. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da FFLCH/USP, 1992.

DICK, M. V. de P. do A. Atlas toponímico: um estudo de caso. **Acta Semiotica et Lingvistica**. SBPL. São Paulo: Plêiade, v. 6, p. 27-44, 1996.

DICK, M. V. de P. do A. Atlas toponímico: um estudo dialetológico. **Revista Philologus**. Rio de Janeiro, v. 10, p. 61-69, 1998.

DICK, M. V. de P. do A. **A dinâmica dos nomes na Cidade de São Paulo 1554-1897**. São Paulo: ANNABLUME, 1999.

- DICK, M. V. de P. do A. O nome próprio: significado e referência. **Estudos Linguísticos** XXIX. Assis: UNESP, p. 246-250, 2000.
- DICK, M. V. de P. do A. O sistema onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e frequência. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (org.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2001. p. 79-90.
- DICK, M. V. de P. do A. Aspectos de etnolinguística – a toponímia carioca e paulistana – contrastes e confrontos. **Revista USP**, São Paulo, n. 56, p. 180-191, 2002. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i56p180-191>
- DICK, M. V. de P. do A. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2004, 121-131.
- DICK, M. V. de P. do A. Fundamentos Teóricos da Toponímia. Estudo de caso: o Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In: SEABRA, M. C. T. C. (org.) **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2006. p. 91-117.
- DICK, M. V. de P. do A. Etnia e etnicidade. Um novo modo de nomear. Projeto ATESP/ATB. In: ISQUERDO, A. N.; FINATTO, M. J. B. (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2010, 177-197.
- DRUMOND, C. **Contribuições do bororo à toponímia brasílica**. São Paulo: USP/IEB, 1965.
- FERREIRA, D. B. dos S. **Estudo toponímico do centro comercial de Feira de Santana-BA**: línguas orais e Libras. 186f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.
- ISQUERDO, A. N. La recherche toponymique au Brésil: une perspective historiographique. In: POUPER, A. La B.; XATARA, C. **Cahiers de lexicologie**: dynamique de la recherche en lexicologie, lexicographie et terminologie au Brésil. Paris: Classiques Garnier, 2012. p. 15-35.
- ISQUERDO, A. N.; DARGEL, A. P. T. P. A toponímia urbana: um estudo de caso. In: ISQUERDO, A. N.; ABBADE, C. M. de S. (orgs) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Vol. IX, Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2020. p. 82-103.
- ISQUERDO, A. N.; DARGEL, A. P. T. P. A macrotoponímia dos municípios sul-mato-grossenses: mecanismos de classificação semântica. In: ISQUERDO, A. N. (org.). **Toponímia**: tendências toponímicas no estado de Mato Grosso do Sul. Série Toponímia, v. 2. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2020. p. 228-272.
- JESUS, C. M. A. de. **Estudo toponímico dos bairros de Feira de Santana-BA**: línguas orais e Libras. 169f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.
- MELLO, O. **Topônimos amazonenses** – nomes das cidades amazonenses, sua origem e significado. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1967.
- NUNES, V. R.; ANDRADE, K. dos S. Toponímia na perspectiva da teoria da interdisciplinaridade: breves considerações no contexto do ensino. **Cadernos do CNLF**, Vol. XIX. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2015.

NUNES, V. R. **Toponímia e ensino**: estudo dos logradouros de origem indígena no livro didático de Geografia. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação: ensino de língua e literatura-PPGL, Universidade Federal de Tocantins, campus de Araguaina, 2015. 114p.

OLIVEIRA, A. L. de. **Toponímia carioca**. Rio de Janeiro [Distrito Federal]: Secretaria de Educação e Cultura, 1957.

REIS, A. I. A.; ANDRADE, K. dos S. Propostas de oficinas pedagógicas para o ensino médio: os topônimos inseridos na prática escolar. *In*: SOUSA, A. M. de; GARCIA, R.; Santos, T. C. dos (org.). **Perspectivas para o ensino de línguas 3**. 1ed. São Carlos - São Paulo: Pedro & João Editores, 2019. p. 75-84. 2.

SAMPAIO, T. **O tupi na geografia nacional**. Salvador: Câmara Municipal, 1901.

SANTOS, M. M. dos. **Toponímia e interdisciplinaridade**: uma proposta para o estudo do léxico para turmas do 6º ano do ensino fundamental (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação – Mestrado Profissional em Letras - Prof. Letras – da Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2019, 101p.

SEABRA, M. C. T. C.; ISQUERDO, A. N. Onomastics in Different Perspectives: Research Results. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte. v. 26, n. 3, p. 993-1000, 2018.

SILVIA, S. C. B. da. **Toponímia e ensino**: um estudo dos logradouros de Mundo Novo, MS. (Dissertação de Mestrado). Mestrado Profissional em Letras- Prof. Letras da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013,150p.

SOUSA, A. M. de. Toponímia e ensino: propostas para a aplicação no nível básico. **Anais da II Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2007. Disponível em: http://www.filologia.org.br/iijnflp/textos/Topon%C3%ADmia_e_ensino_propostas_ALEXANDRE.pdf Acesso em: 20 abril 2021.

SOUSA, A. M. de. Metodologia para a pesquisa toponímica em Língua Brasileira de Sinais. *In*: SOUSA, A. M.; GARCIA, R.; SANTOS, T. C. (org.). **Perspectivas para o ensino de línguas**. v. 2. Rio Branco: NEPAN Editora, 2018. p. 08-37.

SOUSA, A. M. de. **Toponímia em Libras**. Relatório (Pós-Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Florianópolis, 2019a.

SOUSA, A. M. de. **Software Toponímia em Libras**. Rio Branco: UFAC/UFSC, 2019b. Disponível em: www.toponimialibras.com Acesso em: 25 abril 2021. DOI <https://doi.org/10.22478/ufpb.2446-7006.44v25n4.56703>

SOUSA, A. M. de. Toponímia em Libras dos bairros de Rio Branco: análise da estrutura dos sinais toponímicos e dos aspectos motivacionais. *In*: ISQUERDO, A. N. (org.). **Toponímia Urbana**. Estudos. Campo Grande: Ed. UFMS, 2021. (no prelo).

SOUSA, A. M. de; GOUVEIA, A. P. T. Toponímia e memória: uma proposta de atividade para as aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio. **Revista A Cor das Letras**. Feira de Santana, v. 18, n. 3, p. 241-253, 2017. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/1965/pdf> Acesso em: 20 abril 2021. DOI <https://doi.org/10.13102/cl.v18i3.1965>

SOUSA, A. M. de; QUADROS, R. M. de. Proposta de ficha lexicográfico-toponímica digital para o estudo da toponímia em línguas de sinais. **Revista Guavira Letras**. V. 15, n. 30., p. 126-140, 2019. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/854/618>. Acesso em: 22 março 2020.